



# Gardens of the Iberian Peninsula

**New perspectives on an entangled history**

Nadja Horsch / Michael Scholz-Hänsel /  
Marta Oliveira Sonius (eds.)



Os jardins do Palácio Nacional de Queluz:  
do passado ao futuro

**ABSTRACT**

*Si hortum in biblioteca habes deerit nihil.* In a free translation, Cicero stated that "if you have a garden and a library, you will lack nothing". In 2012 Parques de Sintra – Monte da Lua began an extensive restoration of the heritage of the National Palace of Queluz and its gardens. Returning the design of the gardens to their oldest memory, using the oldest existing documentation in libraries and in the palace itself, in a rigorous multidisciplinary study, project and execution work. This, while still using modern techniques and meeting many of today's needs, such as accessibility, for example. Since then, Parques de Sintra – Monte da Lua has renovated the Garden of Malta, the Botanical Garden, the Bosquete, and is preparing to renovate the New Garden. Here is a description of these interventions.

**KEYWORDS**

National Palace of Queluz, Restoration, Botanical Garden, Garden of Malta, Bosquete, New Garden

---

A gestão dos Jardins e do Palácio Nacional de Queluz, bem como a da Escola Portuguesa de Arte Equestre, é da responsabilidade da Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. desde 2012.<sup>1</sup> Antes disso, de 1980 a 2007, essa responsabilidade coube ao Instituto Português do Património Cultural. E depois de 2007 e até à Parques de Sintra – Monte da Lua,<sup>2</sup> ao Instituto de Museus e

1 DL 205/2012, de 31 de Agosto.

2 DL n.º 37/2007.

Conservação, o qual, em 2011, foi integrado na Direção-Geral do Património Cultural. Mais atrás.

Em 1654, D. João IV criou a Casa do Infantado, integrando nela a Casa de Campo de Queluz. Muito do que, aqui, se seguirá, da ocupação do espaço às suas diversas funcionalidades, encontra parte da sua explicação nesta origem: o Infantado. Mas não só aí. D. Pedro, que herda a Casa, inicia, a partir de 1747, sob projeto de Mateus Vicente de Oliveira, o arquiteto da corte, a sua transformação. Após o seu casamento com a sobrinha, D. Maria I, Queluz passa a residência de verão da Família Real. E este novo estatuto complementa o inicial. Ou seja, entre uma Casa de Infantes e uma residência de férias da Família Real, temos a base a partir da qual melhor se compreendem (i) as motivações que justificam a vocação e função de cada espaço e que explicam (ii) as unidades tipológicas (representadas na tratadística setecentista). Propósito principal? Criar um espaço multifuncional dedicado ao veraneio e ao recreio da Família Real e seus convidados.

O resto da história – em concreto a sua evolução histórica e toponímica – explica a (iii) a unidade concetual e espacial dos traçados, (iv) as unidades construídas, (v) os valores naturais e paisagísticos e (vi) as zonas de estadia e articulação na rede de caminhos.

Assim, e num relato tão breve quanto a economia de espaço obriga, vejamos mais alguns momentos relevantes da evolução histórica dos Jardins do Palácio de Queluz, de então até aos dias de hoje.

Em 1755, ano indissociável do grande terramoto que assolou Lisboa, iniciaram-se os trabalhos de ajardinamento, cujos responsáveis foram o holandês Giraldo José Van den Kolk, auxiliado pelo português Luís Simões Ressurgido. No entanto, ainda esse ano, mas já depois do terramoto, com a chegada a Portugal de Jean-Baptiste Robillion – nome a reter – um arquiteto, escultor e gravador francês, as obras aceleram. A este deve-se a conceção de parte do Palácio e dos jardins.

Por 1807, aquando das invasões napoleónicas, Queluz era já a residência permanente da Família Real. Era assim desde 1794, com a regência do Príncipe D. João VI, que se confirmou Rei. Nessa altura, em 1807, a Família Real parte para o Brasil.

Em 1822, já depois do regresso da Família Real, foram efetuadas algumas alterações, das quais se salienta a construção de jaulas para alojar animais exóticos. Isto, sob o terraço do pavilhão que tomou o nome do mais influente arquiteto do espaço: Pavilhão Robillion.

Já no século XX, o Palácio e seus jardins passam para as mãos do Estado: D. Manuel II cede-o, em 1908, à Fazenda Nacional, e em 1910 é classificado como Monumento Nacional. Não sem que, porém, em plena I República, os Jardins e Quinta sejam "transformados" em Escola Prática de Agricultura.

É já no Estado Novo, quando após um incêndio em 1934, que destruiu parcialmente o Palácio e os jardins ele confinados, que se efetuam grandes obras de reconstrução, para, na década de 40, reabrir ao público. Se a vida cortesã da segunda metade do séc. XVIII tinha um espaço museológico, esse espaço era o Palácio Nacional de Queluz e os seus jardins. Ornamentado com coleções de artes decorativas, na sua maior parte da Casa Real, Queluz recentra-se, ainda que palidamente, na exibição pública das suas funções originais.

É a partir de 2012, já sob gestão da Parques de Sintra – Monte da Lua, que se inicia um processo intenso, pluridisciplinar e permanente de recuperação da memória mais antiga do espaço e do seu restauro.

Assim, é a partir dos critérios anteriormente numerados – (i) vocação e função de cada espaço; (ii) unidades tipológicas; (iii) unidade concetual e espacial dos traçados, (iv) unidade construídas, (v) valores naturais e paisagísticos e (vi) zonas de estadia e articulação na rede de caminhos – que podemos encontrar 5 zonas distintas: a) Jardins de Aparato, b) Bosquete, c) Jardim Botânico, Pomares e Horta, d) Jardim Baixo e e) Jardim Novo.

Destas áreas, este paper incide sobre ações levadas a cabo em 3 delas e ações em preparação para outra; por ordem de intervenção: Jardim Botânico, Jardins de Aparato, Bosquete e Jardim Novo.

## **A RECONSTRUÇÃO DO JARDIM BOTÂNICO**

O Jardim Botânico está inserido no zonamento onde também se incluem os Pomares e a Horta. Deste zonamento apenas o Jardim Botânico foi alvo de recuperação.

Quando, em 2012, a Parques de Sintra – Monte da Lua começa a gerir o palácio nacional de Queluz fez um levantamento das necessidades de um jardim bastante abandonado para sistematizar prioridades de intervenção. O Jardim Botânico é o que está mais em perigo, por se situar na cota mais baixa do jardim, junto ao Rio Jamor e por ter perdido a sua identidade.

Construído a partir de 1769 e desenhado por Jean Baptiste Robillion (1704–1782), a pedido de D. Pedro III, “fez-se o horto botanico, rico em raridades vegetaes do novo e do velho mundo”<sup>3</sup>

Depois de ter sido destruído pela cheia de 1983, o jardim foi desmantelado e transformado em picadeiro da Escola Portuguesa de Arte Equestre (Fig. 1), perdendo completamente a sua função original: um jardim botânico com carácter de entretenimento. Iniciou-se então o projeto que levaria 5 anos a concretizar. Fez-se uma rigorosa investigação histórica, sondagens arqueológicas nas zonas de implantação das estufas e das balaustradas, recolha e catalogação das cantarias das estufas e do lago, da estatuária. O objetivo era trazer de volta o desenho da cartografia mais antiga que conhecíamos, ca. 1865, com a devida adaptação aos alegretes construídos no séc. XX e que se mantiveram.

Foram ainda beneficiadas as infraestruturas de abastecimento de água e drenagem e trabalhos de conservação e restauro dos elementos azulejares e pétreos, nomeadamente balaustradas e lago central.

Nos canteiros geométricos, delimitados em sebe topiada, foi proposta *Myrtus communis* subsp. *tarentina* ao invés de *Buxus sempervirens*, devido às diversas doenças que esta espécie tem atualmente na Europa.

Nas estufas retomou-se a produção de ananás, uma prática comum nas casas reais europeias desde o séc. XVII e também no palácio de Queluz.

A peça final surge com a descoberta do *Index* da coleção botânica que o médico Morais Soares ofereceu a D. Maria I. Conseguiu-se reintroduzir 170 espécies de África, Ásia, América e Europa, da lista original.

.....  
3 Marquez de RESENDE, Descrição e Recordações Históricas do Paço e Quinta da Queluz, O Panorama, Vol.XI-XII, 1858, 79.

O projeto de recuperação do Jardim Botânico de Queluz foi distinguido, em 2018, com o Prémio da União Europeia para o Património Cultural – Prémios *Europa Nostra* – na categoria Conservação. Durante a cerimónia de entrega dos prémios, este projeto arrecadou ainda, pela primeira vez em Portugal, o Prémio Escolha do Público. Obtendo assim, um duplo reconhecimento: o da qualidade e rigor técnico da intervenção, atribuído por um júri especializado; e o do público, que o consagrou de local de interesse de visita (Fig. 2).



**Fig. 1 |**

Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz, 2013. Queluz (Fotografia de Inês Castro Caldas).



**Fig. 2 |**

Jardim Botânico do Palácio Nacional de Queluz, 2019. Queluz (Fotografia de Luis Duarte).

## **A RECONSTRUÇÃO DO JARDIM DE MALTA**

Os Jardins de Aparato são formados pelo Jardim de Malta e pelo Jardim Pên-sil. Dentro deste zonamento, o Jardim de Malta foi aquele que foi sujeito um restauro mais complexo.

Desenhado por Robillion e construído a partir de 1758, o Jardim de Malta ou Jardim dos Azereiros desenvolve-se em parterre, em frente à fachada de cerimónias. Trata-se de um jardim clássico desta época: topiado, geométrico e simétrico, segundo a tratadística setecentista, com formas redondas de azereiros: “E o plano do chaô, com debuxo de murta, ebuxo, entre oqual por sua ordem pequeninos Mangericoens deazareyros”<sup>4</sup>

No séc. XIX, o romantismo instalou-se no jardim: a topiária das sebes e dos elementos notáveis foi abandonada e plantaram-se espécies exóticas de grande porte. Em 1939, sob ordem de Raul Lino, os quatro lagos dos cantos do jardim foram deslocados para o Bosquete e plantaram-se quatro ciprestes que viriam a bloquear visualmente a fachada de cerimónias (Fig. 3). Tudo isto contribuiu para a perda do formalismo e do carácter de jardim setecentista. Também os azereiros que deram nome ao jardim tinham desaparecido.

Em 2012 o desenho tinha perdido toda a leitura, as sebes estavam muito degradadas e decrépitas e era impossível recuperar o traçado e o carácter do séc. XVIII. Desenvolveu-se o projecto de reconstrução e fizeram-se estudos: o levantamento fitossanitário com o Laboratório de Patologia Vegetal "Veríssimo de Almeida" do Instituto Superior de Agronomia, a datação do buxo com o Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra e o estudo polínico e paleobotânico do Centro Transdisciplinar das Arqueologias.

O objetivo foi reconstruir o desenho original, replantar os azereiros, recolocar os quatro lagos das conchas e devolver o carácter lúdico e representativo do jardim setecentista.

Todo o material vegetal foi transplantado com o aconselhamento de Royal Botanic Gardens, Kew, para ser posteriormente reintegrado no Bosquete.

Foram executadas sondagens arqueológicas na totalidade da área, comprovando o traçado inicial do jardim. Houve também beneficiação das infraestruturas de abastecimento e recirculação de água às fontes e drenagem pluvial.

.....  
4 BA, Inventário de 1763, f. 94.

Executaram-se ainda trabalhos de conservação e restauro dos elementos de bronze e pétreos, nomeadamente estatuária, cantarias e balaustradas.



**Fig. 3 |**

Jardim de Malta do Palácio Nacional de Queluz, 2016. Queluz (Fotografia de Beatriz Duarte).



**Fig. 4 |**

Jardim de Malta do Palácio Nacional de Queluz, 2021. Queluz.

### **O RESTAURO DO BOSQUETE**

O Bosquete – zonamento autónomo – inclui a Cascata e a Horta dos Príncipes. Apenas a Horta dos Príncipes não foi sujeita a restauro e é merecedora de projeto independente.

O Bosquete é um elemento essencial no desenho dos jardins setecentistas, uma vez que os seus eixos exacerbam o efeito de perspetiva, ao mesmo tempo que proporcionam sombra e frescura.

Trata-se de um bosqueite coberto, composto por diversos talhões geométricos, delimitados por banquetas de buxo topiado e o interior ocupado com mata assilvestrada.

Devido à manutenção irregular, as sebes do Bosquete cresceram em excesso, em altura e largura, lenhificaram e os pavimentos ficaram arruinados com as sucessivas cheias dos anos 80 (Fig. 5).



Fig. 5 |

Bosquete do Palácio Nacional de Queluz, 2018. Queluz (Fotografia de Beatriz Duarte).

O projeto de restauro incluiu a reposição da plataforma de circulação em saibro e cal, de acordo com a tratadística e os registos de compras para o palácio de Queluz no século XVIII e a beneficiação das infraestruturas de drenagem pluvial e de abastecimento de água. Nas áleas, foram plantadas paliçadas de árvores, ou seja, árvores topiadas ou em espaldar, atrás da banquetta de buxo, conforme a tratadística dos jardins barroco-rococó. Foram utilizadas *Fagus sylvatica*, *Tilia europaea*, *Aescullus hippocastanum*, *Fraxinus angustifolia*, *Sorbus aucuparia* e *Ulmus*, ou seja, espécies mencionadas nos registos de compras ou dos inventários.

As praças semicirculares de entrada (Portão da Ajuda e Portão da Matinha) e o caminho que ligava o Pavilhão Robillion à Matinha, outrora utilizado por coches, estavam aterrados com material trazido pela escorrência das águas pluviais. Após limpeza, verificou-se que a maior parte da área ainda estava pavimentada com calçada irregular de basalto do séc. XVIII e procedeu-se à reposição da restante calçada (Fig. 6).



**Fig. 6 |**

Bosquete do Palácio Nacional de Queluz, 2019. Queluz.

A zona da Cascata foi restaurada à luz da cartografia mais antiga que conhecemos (ca. 1865) devolvendo os canteiros simétricos com elementos cónicos e as sebes topiadas que ladeiam e enquadram a Cascata.

Executaram-se também trabalhos de conservação e restauro dos elementos pétreos, nomeadamente estatuária, estípites, pedestais, fontes e bancos.

### **O PROJETO DE RECUPERAÇÃO DO JARDIM NOVO**

O Jardim Novo situa-se entre o Jardim Baixo e o Curro. Era organizado em duas partes distintas: uma zona de Bosquete coberto, cujo interior dos talhões é assilvestrado e outra zona de Bosquete descoberto, com gabinetes ou salas, com acesso ao interior de cada talhão. Estes gabinetes, delimitados por sebes topiadas baixas, eram animados por 12 fontes em pedra trabalhada e árvores de fruto.

No séc. XIX a Escola Agrícola de Queluz instala-se nos jardins do palácio e transforma o Jardim Novo em terrenos agrícolas. Já no séc. XX, Raul Lino tenta reverter esta transformação, mas apenas recupera uma parte do Bosquete coberto e com um traçado mais simplificado, talvez pelo eventual desconhecimento da existência do levantamento de 1842–1865.

O projeto de recuperação do Jardim Novo pretende concluir o desenho de Raul Lino para o Bosquete coberto, devolvendo a simetria e unidade ao espaço. Pretende também trazer de volta o traçado setecentista do Bosquete descoberto, recuperando o desenho da cartografia mais antiga que conhecemos

(Fig.7). Para isso é necessário readquirir as fontes que foram enviadas para outros palácios e quintas de Lisboa e deslocar as fontes que foram colocadas em outras zonas do palácio de Queluz. Na impossibilidade de readquirir todas as peças de água, poder-se-ão executar réplicas.

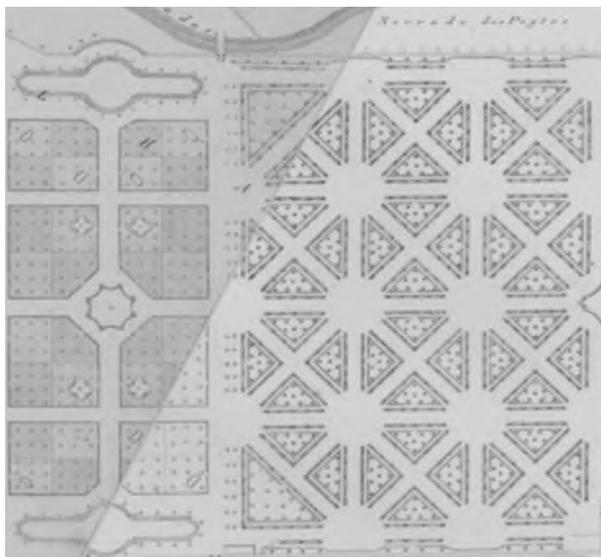


Fig. 7 |

José António de Abreu,  
Jardim Novo do Palácio  
Nacional de Queluz,  
1842–1865. Queluz.

## CONCLUSÃO

Como afirmado, e na convicção de que tal ficou evidente nesta apresentação, reforça-se em jeito de conclusão: na Parques de Sintra – Monte da Lua preservamos o passado, recorrendo sempre aos documentos mais antigos que se conhecem, mergulhando o mais possível na memória mais antiga. Mas que não haja nisto qualquer equívoco de pensar que estamos presos ao passado, imóveis, passadistas. A preservação patrimonial – nos desenhos, nas funções, nos artefactos, nos sistemas mecânicos – tem-se revelado um passo adiante nas respostas às necessidades do presente e aos desafios do futuro. Muitos deles inscritos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, como os relacionados com a água, por exemplo.

Na verdade, sendo uma empresa profundamente conservadora, desde logo pela sua própria missão, somos – paradoxalmente ou nem tanto – uma empresa altamente vanguardista.

Esta abordagem, patente nos exemplos apresentados, é reforçada na gestão integral do espaço, onde o sentido de responsabilidade social e ambiental está sempre presente.

Trata-se de um projeto muito ambicioso, suportado numa equipa multidisciplinar, constituída por arquitetos paisagistas, engenheiros florestais, biólogos, historiadores e arqueólogos, técnicos de informação geográfica, arquitetos e jardineiros. E em cada um dos locais existe uma pessoa que cuida deles, e que coordena todas estas valências.

Nos projetos de recuperação e manutenção do Palácio de Queluz, como em todas as propriedades da Parques de Sintra – Monte da Lua, cuidamos de fazer a recuperação sempre de acordo com regras e princípios harmoniosos. E, como afirmado antes, antes de intervirmos fazemos levantamentos de espécies que podem existir e condicionar a nossa intervenção. Fazemos levantamentos de fauna e de flora. Qualquer intervenção levada a cabo, seja na conservação dos jardins ou dos bosquetes, contribuíram e contribuem para a melhoria das condições da flora e da fauna existentes.

## **BIBLIOGRAPHY | BIBLIOGRAFÍA | BIBLIOGRAFIA**

- PEREIRA, Denise: *Queluz Cadernos: relatórios de progresso. O jardim botânico de Queluz*, 2013.
- PEREIRA, Denise: *Queluz Cadernos: relatórios de progresso. O Jardim Novo e a dança dos lagos em Queluz*, 2014.
- PEREIRA, Denise: *Queluz Cadernos: relatórios de progresso. O Jardim de Aparato em Queluz*, 2014.
- PEREIRA, Denise: *Queluz Cadernos: relatórios de progresso. O Bosquete e a horta dos príncipes em Queluz*, 2014.